

ENTRE SELA E SAUDADE: UM ESTUDO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA CAVALGADA NO SERTÃO NORTE-MINEIRO (2005-2020)¹

Recebido em: 19/03/2024

Aprovado em: 28/08/2024

Licença: 

*Guilherme Carvalho Vieira*²

Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES)

Montes Claros – MG – Brasil

<https://orcid.org/0000-0001-7949-4530>

*Lucas Matheus Araujo Bicalho*³

Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES)

Montes Claros – MG – Brasil

<https://orcid.org/0009-0009-8327-6689>

*Stefany Reis Marquioli*⁴

Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES)

Montes Claros – MG – Brasil

<https://orcid.org/0009-0007-7416-6870>

*Ester Liberato Pereira*⁵

Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES)

Montes Claros – MG – Brasil

<https://orcid.org/0000-0001-6193-9132>

RESUMO: As práticas de cavalgadas vêm ganhando importância em território nacional, ao estabelecer conexões cada vez mais sólidas entre humanos e cavalos. Essa tendência é proporcionada pelo lazer e encontra respaldo no discurso das “tradições”. A

¹ A presente pesquisa foi realizada com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), Processo: APQ-03240-22, Edital N° 009/2022 - Fortalecimento e Consolidação da Pesquisa na UEMG e UNIMONTES. A pesquisa faz parte do projeto: HIPPOS BR – Projeto Interinstitucional (Unimontes, UFRGS, UFAM e CBH) de Mapeamento Histórico do Esporte Hípico no Brasil.

² Mestrando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) Universidade Estadual de Montes Claros UNIMONTES. Grupo de Estudos em História do Esporte e da Educação Física GEHEF/CNPq.

³ Mestrando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) Universidade Estadual de Montes Claros UNIMONTES. Grupo de Estudos em História do Esporte e da Educação Física GEHEF/CNPq.

⁴ Mestrando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) Universidade Estadual de Montes Claros UNIMONTES. Grupo de Estudos em História do Esporte e da Educação Física GEHEF/CNPq.

⁵ Doutorado em Ciências do Movimento Humano pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano (PPGCMH). Professora efetiva do Departamento de Educação Física e do Desporto (DEFD) da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) da Unimontes. Grupo de Estudos em História do Esporte e da Educação Física GEHEF/CNPq.

prática está conectada a diferentes contextos e finalidades, como as cavalgadas das mulheres e as ecológicas, além daquelas que se entrelaçam com a fé e a religiosidade. Nesse caminho, a presente pesquisa tem por objetivo analisar a Cavalgada Samambaia, localizada na região rural de Montes Claros - Minas Gerais, entre os anos de 2005 e 2020, dado que o evento surgiu em 2005 e, em 2020, iniciou a pandemia de Covid-19, marcada pelo distanciamento social. Para tanto, foram analisadas fontes da imprensa tradicional e digital, bem como conteúdos audiovisuais independentes ou ligados à televisão, a fim de compreender o papel da cavalgada para constituições de representações sociais pelos discursos vinculados aos meios de comunicação impressa e digital. Este estudo se justifica pela necessidade de interpretar esse divertimento que acontece no âmbito rural, tendo em vista uma lacuna na literatura científica sobre essa prática. Em vista disso, foi possível identificar uma ambiguidade na representação da cavalgada, que mescla elementos do passado com aspectos contemporâneos e urbanos. Assim, notou-se que tal atividade se apropriou de um discurso tradicional para fins comerciais.

PALAVRAS-CHAVE: Cavalgada. Equitação. Lazer. História do tempo presente.

BETWEEN SADDLE AND LONGING: A HORSEBACK RIDING SOCIAL REPRESENTATION STUDY OF THE “SERTÃO NORTE-MINEIRO” (2005-2020)

ABSTRACT: Horseback riding practices have been gaining importance nationwide, as they establish increasingly solid connections between humans and horses. This tendency is provided by leisure and finds support in the “traditions” discourses. The practice is connected to different contexts and purposes, such as the women's and the ecological rides, in addition to those intertwined with faith and religiosity. Along this path, the present research aims to analyze the “Cavalgada Samambaia”, located in the rural region of Montes Claros - Minas Gerais, between the years 2005 and 2020, given that the event emerged in 2005 and, 2020, the Covid-19 pandemic began, marked by social distancing. To this end, sources from the traditional and digital press were analyzed, as well as independent audiovisual content or those linked to television, to understand the role of horseback riding in the constitution of social representations through discourses linked to print and digital media. This study is justified by the need to interpret this entertainment that takes place in rural areas, given the gap in the scientific literature on this practice. Given this, it was possible to identify an ambiguity in the representation of horseback riding, which mixes elements from the past with contemporary and urban aspects. Thus, it was noted that such activity appropriated a traditional discourse for commercial purposes.

KEYWORDS: Horseback Riding. Horsemanship. Leisure. Present time history.

Introdução

As cavalgadas têm adquirido uma importância significativa em todo o território nacional, com humanos e cavalos estabelecendo parcerias cada vez mais estreitas para o lazer. Essa tendência está intrinsecamente conectada ao discurso das “tradições”, haja

vista que a prática de cavalgada está associada a diferentes contextos e objetivos. Exemplificando, temos as cavalgadas das mulheres, as cavalgadas ecológicas e aquelas ligadas à fé e religiosidade, em especial a da cultura sertaneja. No entanto, é preciso reconhecer que a prática de cavalgar, sobretudo como forma de lazer, desperta lembranças e memórias das relações históricas entre o homem e o cavalo, remetendo ao contexto rural do Brasil (Adelman, 2011; 2021).

Segundo o Atlas do Esporte no Brasil (2006), no que tange à equitação e às práticas equestres, são subdivididas em: hipismo clássico, hipismo rural, equitação terapêutica e de lazer; estas são vistas, assim, como práticas características do meio rural e urbano (Roessler; Rink, 2006). Assim, as cavalgadas são compreendidas, aqui, como práticas equestres de lazer. Entende-se como lazer uma atividade realizada pelos indivíduos, ou por um grupo de indivíduos, em um momento disponível ou que não é destinado ao trabalho (Marcellino, 1996; Dumazedier, 1999).

Ademais, sob a ótica de Joffre Dumazedier (1999), pode-se pensar o lazer na vida dos trabalhadores a partir de duas condições. A primeira refere-se à preferência dos sujeitos, ou seja, a livre escolha de atividade. Já a segunda diz respeito ao trabalho profissional, que contém um limite arbitrário, de forma que o tempo livre é claramente separado. Vale lembrar, ainda, que nas sociedades atuais, o lazer pode ser compreendido com base em quatro propriedades: caráter libertário, caráter desinteressado, caráter hedonístico e caráter pessoal (Dumazedier, 1999).

Cabe ressaltar que, segundo Nelson Marcellino (1996, p. 13), o conceito de lazer pode sofrer alterações, uma vez que muitas pessoas relacionam o lazer “[...] às atividades recreativas, ou a eventos de massa [...]”. Dessa forma, tal concepção é corroborada por vários veículos de comunicação, que disseminam verbetes sobre teatro, cinema, esportes, entre outros. E, quanto ao lazer, na maioria das vezes é relacionado às

manifestações de massa. Além disso, no que diz respeito à definição de órgãos públicos, o termo lazer possui critérios indefinidos. Dessa maneira, tal condição colabora para uma concepção parcial e limitada da palavra lazer, o que obsta a sua compreensão e pode causar vários equívocos (Marcellino, 1996).

Também, em se tratando do assunto, para Norbert Elias e Eric Dunning (1992), os indivíduos buscam no lazer uma “excitação agradável”. Além disso, os autores destacam a polarização do trabalho e do lazer, em que a palavra trabalho apenas diz respeito a uma forma própria de trabalho. No que se refere às sociedades mais urbanizadas, o trabalho é bastante especializado, além do tempo ser demasiadamente controlado. Já o tempo livre dos indivíduos nessas sociedades é ocupado pelo trabalho não remunerado e, dessa forma, eles podem praticar atividades de lazer somente em uma parte desse tempo. Nesse sentido, Gomes (2023) menciona que o lazer possibilita a manifestação de sentimentos positivos, que, muitas vezes, estão ausentes no cotidiano das pessoas.

Além disso, quanto aos estudos e às pesquisas sobre o lazer no ambiente rural, estão concentrados predominantemente em duas perspectivas: o ecoturismo e os debates centrados na análise econômica. Estas abordagens retratam o espaço rural como destinado somente à produção agropecuária, deixando de lado outras dimensões do lazer nesse contexto. A partir disso, notamos uma evidente lacuna nos estudos e pesquisas sobre lazer, os quais centralizam seus debates nas dinâmicas recreativas no ambiente rural, focadas na relação dinâmica entre humanos e cavalos (Maziero *et al.*, 2019; Carvalho, Nunes, 2021).

Todavia, as pesquisas que exploram a história da equitação tendem a se concentrar nos grandes centros urbanos, sobretudo nas chamadas metrópoles (Pereira, 2012; Pereira, 2016; Melo 2021), com foco no hipismo clássico e nas corridas de

cavalos. Em função disto, este estudo se justifica pela necessidade de compreender o desenvolvimento dessa prática cultural, corporal e esportiva em espaços urbanos que estão fora dos centros metropolitanos. Para tanto, analisamos o contexto em Montes Claros (MG), cidade com fortes vínculos com o meio rural, com o fito de entender como essa prática se estabelece e se manifesta nesse cenário específico.

Com relação às cavalgadas, há pesquisas que se concentram na ótica sociológica de Miriam Adelman (2011) e, em Pereira, Mazo e Bataglioni (2019), que retratam a transição das práticas equestres no âmbito rural para o urbano, marcando um processo de mudança. Contudo, o presente estudo apresenta uma perspectiva diferente, ao considerar que os movimentos das cavalgadas garantem uma experiência de lazer para o público urbano em um contexto ruralista.

As cavalgadas são uma prática difundida por todo o território nacional. No estado de Minas Gerais, em especial, observamos uma multiplicidade dessas manifestações em diferentes regiões. Diante disso, Truocchid e Pereira (2005) afirmam que é possível identificar cavalgadas vinculadas às práticas religiosas, em um primeiro momento e, depois, as que estão inseridas no turismo rural, associadas a hotéis, fazenda e haras (Roque, 2000), além das que resgatam e fortalecem as tradições históricas por meio de competições entre os montadores, como é o caso da cidade Barão de Cocais – Minas Gerais (Noronha; Enéas, 2018).

Nessa perspectiva, o objetivo desta pesquisa é compreender o processo de apropriação, ressignificação e representações sociais da equitação no contexto da Cavalcada Samambaia, na região rural da cidade de Montes Claros – Minas Gerais, entre os anos de 2005 e 2020. A escolha do recorte temporal foi definida em 2005, uma vez que este marcou o início do evento e, em 2020, dado pelo começo da pandemia de Covid-19, que proporcionou o distanciamento social. E, quanto à metodologia, foi

realizada uma pesquisa documental, a fim de analisar o desenvolvimento da prática da cavalgada como esporte e lazer, além das suas relações estabelecidas com a criação de representações de tradição e do moderno dentro do contexto desta prática.

A partir da abordagem de Miriam Adelman (2011, p. 938), percebe-se que os cavalos continuam “sendo importantes recursos materiais e simbólicos dentro das comunidades e das tradições rurais no Brasil”. De tal modo, entendemos que as relações dos humanos com os equinos elucidam uma ligação com representação de grande valor na tradição e ressignificação do passado. Torna-se, assim, uma representação de expressividade ao contexto estudado.

Percurso Metodológico

Neste estudo, analisamos diversos aspectos das práticas de equitação no contexto do lazer rural e suas apropriações. Para tanto, exploramos fontes da imprensa tradicional e digital, além de conteúdos audiovisuais independentes ou associados à televisão. Foram utilizados periódicos impressos, jornais, vídeos de reportagens em plataformas digitais, matérias em site de notícias e fontes de arquivos audiovisuais. Tais fontes foram usadas em função de uma apropriação de uma nova produção humana, que possibilita compreensões das representações e ressignificações, presentes na cavalgada (Almeida, 2011; Brasil; Nascimento, 2020; Bacellar, 2008; Luca, 2015; Pimentel, 2001; Napolitano, 2008).

Além disso, investigamos uma variedade de fontes, como a mídia impressa tradicional, mídia digital e conteúdo audiovisual tanto independente quanto associado às emissoras. Assim, o objetivo foi examinar os diferentes aspectos das práticas de equitação no âmbito do lazer rural e suas nuances. Quanto à escolha dessas fontes, foi motivada pela necessidade de explorar as novas formas de produção humana, as quais

proporcionam compreender as representações e ressignificações inseridas na cavalgada (Almeida, 2011; Brasil, Nascimento 2020; Bacellar, 2008; Luca, 2015; Pimentel, 2001; Napolitano, 2008).

Os arquivos digitais e as fontes digitais estão diretamente relacionados à "virada digital" no campo historiográfico. Eles não apenas oferecem possibilidades para a utilização das tecnologias da informação na pesquisa histórica, mas também representam fontes antigas presentes nos acervos digitais, tais como blogs, imagens virtuais, redes sociais e sites da web (Barefoot, 2018; Prado, 2021). Nesta direção, elas se tornam o meio de comunicação, ao apresentarem-se, assim, como fonte para a pesquisa. Vale salientar que tais fontes devem receber um tratamento diferente dos convencionais, pois existe uma inconstância que facilita a modificação dos arquivos da web (Almeida, 2011; Brasil, Nascimento, 2020).

Assim, faz-se necessário adotar uma abordagem metodológica diante dessa multiplicidade de formas de acessar documentos, que antes eram de difícil acesso para pesquisadores/as. É notório que a transição para a era digital tem facilitado o caminho a esses documentos. Todavia, é importante descobrir as raízes desses documentos, assim como compreender seu contexto de produção e finalidade (Fickers, 2012). E mais: cabe ao historiador/a realizar uma análise criteriosa e o cruzamento do corpus documental, ao entrecruzar fontes para encontrar contexto e justapor os documentos em análise (Bacellar, 2008).

Para alcançar o objetivo, optamos por estruturar a busca pelos dados em três etapas. Inicialmente, realizamos o levantamento de notícias no que tange à cavalgada, explorando meios impressos e digitais, adicionando acervos de jornais, websites e plataformas como o *YouTube*. Na segunda etapa, fizemos a separação e catalogação dos materiais identificados, realizando a transcrição dos vídeos encontrados. A terceira fase

concentrou-se na examinação dos conteúdos coletados, categorizando-os a partir do uso dos textos imagéticos, da criação e da expansão do evento, seguida pelo cruzamento desse corpus documental.

Posteriormente, realizamos a análise, dividindo-a em etapas. A primeira envolveu a análise textual e dos documentos dos eventos de cavalgadas disponíveis na internet, separadas em eixos temáticos. Em seguida, procedemos à interpretação e problematização do material.

Cavalgadas e Identidade: Representações Culturais e Transformações no Sertão Norte-Mineiro

João Guimarães Rosa costumava afirmar que “Minas são muitas”, uma expressão que captura a riqueza e diversidade do estado de Minas Gerais. O romancista, compreendia perfeitamente a profundidade da pluralidade das “Minas”, especialmente em Montes Claros - MG. Nesta cidade, a herança nordestina se entrelaça com a tradição local, principalmente nas práticas agrícolas e pecuárias, criando um cenário único que reflete a história e a identidade da região.

O município de Montes Claros, conhecido popularmente como sertão norte-mineiro, em virtude da variedade geográfica, cultural, histórica e linguística, além das diversas tradições, como a sertaneja e as religiosas. Tal heterogeneidade cultural contribui para a identidade local, solidificando-a e, ao mesmo tempo, diversificando os horizontes no que diz respeito à multiplicidade cultural presente na região (Santos; Souto, 2014). Ademais, Montes Claros está inserida no Polígono das Secas, região marcada pela predominância do cerrado, caracterizado por um clima tropical semiúmido, sobretudo nas áreas de Depressão Sanfranciscana. Portanto, Montes Claros

configura-se como uma cidade de porte médio, com uma ampla diversidade, principalmente no âmbito da cultura sertaneja.

Associado frequentemente à cultura sertaneja, o termo sertão, conforme apontou Bernardes (1995), é vinculado a cidades interioranas do Brasil, com pouca povoação europeia e com uma expressiva presença do cerrado, bioma que, de acordo com a visão europeia no século XIX, proporcionou atraso econômico, tecnológico e cultural, ao contrário da mata atlântica, que trouxe grandes lucros aos cofres públicos. Conforme explicam Bernardes (1995) e Amado (1995), o termo sertão alimenta o imaginário social brasileiro desde seu primeiro uso, ao referir-se aos locais distantes do litoral, isto é, em terras desconhecidas. Tais áreas eram vistas como terras misteriosas, que, por sua vez, não satisfaziam aos interesses dos colonizadores, já que não havia informações de riquezas de valor comercial para a colônia.

Ao discutir o conceito de sertão, é importante elucidar a figura do homem sertanejo, que, segundo Cascudo (1975), por um longo período, o sertanejo esteve distante do litoral, local onde se concentravam a formação cultural e o progresso intelectual do país. Ademais, Martins, Oliveira e Chagas (2007) descrevem o sertanejo como um cuidador da terra pelo árduo labor, de mãos calejadas e a pele geralmente enegrecida pela exposição diária ao sol, com traços marcados no rosto pelas agruras das atividades na roça. Essa é apenas uma faceta do homem sertanejo, haja vista que há diferentes representações de homens que desconstruem estereótipos atribuídos ao sertanejo.

O Norte de Minas Gerais consolidou-se histórico e geograficamente como “sertão” em virtude das características de ocupação e povoamento, que resultaram em impactos provenientes do surgimento do desenvolvimento econômico, no início do século XX (França; Soares, 2006). Assim, diante das mudanças na realidade regional e

do fenômeno do êxodo rural no Brasil, iniciado na década de 1960, e subsequente ao processo de industrialização, seguido pela expansão da rede mercantil, o campo tornou-se um espaço secundário. Mais tarde, nas décadas de 1970 e 1980, em Montes Claros, o processo de desenvolvimento industrial foi iniciado, promovido pela Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), distanciando a região de sua caracterização como cidade agrária, ao concentrar sua população e influência política no espaço urbano (Gomes, 2007).

Contudo, a migração do campo para a cidade resultou na formação de uma nova identidade, impulsionada pelos avanços tecnológicos e pela influência da “globalização”, levando as cavalgadas a se tornarem símbolos e construtores de uma identidade que evoca o passado rural. Assim, a compreensão da dicotomia entre cidade e rural, conectada ao processo de modernização, são essenciais para compreender a reconstrução de significado e símbolos, especialmente diante da instabilidade identitária produzida pela pós-modernidade (Hall, 2014).

Nessa linha de raciocínio, Dumazedier (1999) afirma que a introdução do lazer na sociedade e a sua organização, bem como acontece nos grandes centros urbanos, passaram por mudanças estruturais que refletem nos modelos de vida urbana. Posto isso, Pereira (2016) esclarece que a prática do lazer equestre, através de passeios e cavalgadas, colabora para a formação de uma sociabilidade que estabelece uma interdependência intensa e contínua entre os praticantes. Assim, percebemos que as transformações estruturais na introdução e organização do lazer na sociedade, análogas a espaços urbanos, impactam nos padrões de vida urbanos, ao mesmo tempo que a prática do lazer equestre solidifica os laços sociais entre os sujeitos.

João Guimarães Rosa, em *Grande Sertão: Veredas* (2015), esclarece que a cavalgada transcende a mera viagem a cavalo; é uma jornada épica pelo sertão repleto

de desafios físicos e emocionais, tornando um elemento que merece atenção no estudo, sobretudo quando é vista como uma forma de entretenimento e lazer, na atualidade. Ela se configura como um objeto de estudo fundamental, ao permitir uma compreensão histórica que reflete um passado vivido. Com isso, priorizamos a compreensão do surgimento dessa nova interpretação e sua representação no imaginário social.

A abordagem da Nova História Cultural, conforme Chartier (2002), direciona-se para a maneira como uma dada realidade social é construída, compreendida e interpretada em díspares lugares e momentos. Sendo assim, analisamos o posicionamento das fontes selecionadas no que tange à Cavalgada Samambaia e à produção dos discursos e das representações do ambiente das tradições rurais durante os momentos de lazer. A partir disso, observamos que o evento é criado e mobilizado em torno de significados econômicos e socioculturais para a região.

Sob a visão de Chartier (2002, p. 20-21), “[...] a representação é instrumento de um conhecimento mediato que faz ver uma objecção ausente através da sua substituição por uma ‘imagem’ capaz de o reconstituir em memória e de o figurar tal como ele é”. A partir dessa compreensão, inferimos que os elementos inseridos nas cavalgadas funcionam como instrumento que objetiva recriar um cenário ausente, remontando a uma época anterior ao êxodo rural no Brasil nas décadas de 70 e 80, em que se perpetuava a cultura ruralista.

Sobre Cascos e Tradições: Refletindo Sobre a Cavalgada Samambaia

A Cavalgada Samambaia emerge no ano 2005, como um trabalho do Alex Samambaia, estudante do curso de Educação Física das Faculdades Integradas do Norte de Minas - Funorte. Em função da demanda, o responsável pela organização começa a repetir o evento anualmente e a ampliá-lo para acomodar cada vez mais cavaleiros e o

público. A cavalgada acontece no Rural Parque, localizado a 28 quilômetros de Montes Claros, seguindo pela Estrada da Produção, no povoado de Samambaia, na região rural de Montes Claros (Queiroz, 2018).

O evento, a cada edição, foi tomando maiores proporções, chegando a ter mais de “500 cavaleiros e amazonas” (Vieira, 2015). Diante desta proporção, emerge a participação do poder público no evento, ao oferecer uma infraestrutura para agregar suporte logístico aos(as) participantes. A partir de então, diversas propagandas foram inseridas no espaço do evento (Ronda Geraes, 2017).

Tendo em consideração a constituição de representar um passado vivido, os discursos existentes nos textos e imagens, no corpus documental, compreendemos a constituição de uma identidade forjada pelo determinado grupo, como Roger Chartier (2002) explicita:

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza (Chartier, 2002, p. 17).

Por acontecer no espaço do Rural Parque, o evento reproduz ou cria objetos e práticas típicas do meio rural, que têm por finalidade representar o passado, entre eles o carroção, o engenho de madeira, as roupas de couro e o chapéu. Apesar de recente sua criação, ela está vinculada a um forte discurso de “tradição”, ao incorporar a memória, o que traz para o centro do debate o fato de o evento retomar elementos que compõem um contexto rural, ligado a componentes de tradições populares, na tentativa de invocar a memória dos participantes enquanto constituintes do seu passado. Entretanto, há a presença de elementos típicos de ambientes urbanos, como os DJs, apresentados como uma das atrações do evento, que tocam música eletrônica.

A imagem abaixo mostra a presença de um elemento adicional importante para transportar-nos a um passado distante: o carro de boi. Nessa imagem retirada de um vídeo independente, disponível no Canal da Cavalgada no *YouTube*, o carroceiro emerge como uma figura central, com seu chapéu de couro e botinas de cano alto. Esses adereços consolidam a constituição de representar outro momento vivido, porém, agora em um momento de lazer, remetendo a um tempo em que os meios de transporte eram mais rudimentares e a vida seguia um ritmo diferente.

Imagem 1: Cavalgada Samambaia, 2016



Fonte: Captura de tela - YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=dAS2K4rIYmw>

No contexto atual, essa imagem representa um passado reinterpretado, em que o carreiro e o transporte de boi se tornam símbolos de lazer. Ao incorporar esses elementos em uma cavalgada, os sujeitos participam da atividade recreativa e constroem uma representação viva da cultura regional. Assim, essa composição de adereços enriquece visualmente o cenário, da mesma forma que possibilita a construção de uma experiência singular, conectando o presente ao passado de maneira tangível e emocional.

Nessa perspectiva, Chartier (1991) destaca a influência dos interesses e das perspectivas dos grupos envolvidos na construção de discursos e representações sociais. Dessa forma, a cena congelada no recorte acima reflete não apenas uma tentativa de compreender o passado, mas também os valores, as crenças e os objetivos dos próprios indivíduos e das comunidades que as produziram, como representação do passado.

No cenário das práticas equestres de lazer e de um hipismo rural, o evento reproduz ou cria práticas e objetos característicos do ambiente rural, com o propósito de representar o passado, conforme discutido por Froehlich (2004):

Mover-se entre vários universos culturais em diferentes escalas espaço-temporais, e de lidar com um amplo repertório de material simbólico – matéria prima para a construção ou redefinição de identidades sociais. A coexistência desses diferentes códigos simbólicos – em um mesmo grupo, indivíduo ou localidade – distingue o cenário social das sociedades contemporâneas. Os indivíduos não pertencem mais a um só grupo ou localidade e, portanto, não têm mais uma única identidade distintiva e coerente (Froehlich, 2004, p. 274).

Nesse viés, a representação reconstruída por meio do ato de cavalgar evoca uma época passada, a vivência no campo, e incorpora novos elementos do mundo contemporâneo, como a música eletrônica, as máquinas agrícolas e outros artefatos que simbolizam o espaço urbano. Desse modo, pode-se interpretar, segundo as palavras de Froehlich (2004, p. 275), que “a ruralidade pode ser vista como um processo dinâmico de constante reestruturação dos elementos das culturas locais com base na incorporação de novos valores, hábitos e técnicas”.

Percebo que conseguimos agregar valores, você pode unir três ou quatro gerações dentro de um só evento. Onde há troca de experiência muito grande entre essas gerações”, diz Alex. Segundo ele, é também uma oportunidade única para o indivíduo do campo que se encontra carente de lazer na área rural. “É um momento de descontração, onde as pessoas se reencontram, reveem os amigos para bater um papo, completa o idealizador (Queiroz, 2018.).

Assim, não há neutralidade possível nos discursos sobre “tradições”, uma vez que estão inseridos em um campo de disputas por controle social e imposição de

valores, ao produzir estratégias e práticas que visam legitimar o poder e o domínio. Nesse sentido, Roger Chartier (1991, p. 182), ao abordar as representações coletivas e as identidades sociais, menciona que podem ser criadas diversas proposições que vinculam, de um novo modo, os recortes sociais e as práticas culturais.

A primeira alimenta a esperança de levantar os falsos debates em torno da divisão, dada como universal, entre as objetividades das estruturas (que seria o território da história mais segura, que, ao manipular documentos maciços, seriais, quantificáveis, reconstrói as sociedades tais como verdadeiramente eram) e a subjetividade das representações (a que ligaria uma outra história dedicada aos discursos e situada à distância do real) (Chartier, 1991, p. 182).

Assim, a primeira concepção considera a construção das identidades sociais decorrentes da relação de forças entre as representações impostas pelas pessoas que possuem o poder de classificar, além do significado de aceitação ou resistência, que cada comunidade produz sobre si mesma. O segundo diz respeito ao recorte social, intencionado “como a tradução do crédito conferido à representação que cada grupo dá de si, logo, a sua capacidade de fazer reconhecer sua existência a partir de uma demonstração de unidade” (Chartier, 1991, p. 183).

Em uma reportagem gravada para um canal de televisão local, Ronda Geraes, a maioria dos entrevistados referia-se ao evento como algo “tradicional”, remetendo a outro tempo, com persuasão de um valor sobreposto a agregação da tradição ao divertir-se na cavalgada. Dessa maneira, ao se referirem ao evento como "tradicional", os entrevistados enfatizaram a importância de preservar e valorizar os costumes e rituais associados à cavalgada, destacando o papel central que essas “tradições” desempenham na identidade e coesão da comunidade. A palavra "tradicional" não apenas descreve o evento em si, mas também evoca um conjunto que representa os valores que moldaram a sua prática ao longo do tempo. Além de ter um efeito bucólico, ao remeter uma construção de outro tempo, que, segundo Machado (1999):

Poderosas são as imagens do passado, poderosas são as experiências vividas no campo. A recorrência ao bucólico pode parecer um sonho localizado: a

tranquilidade, a inocência, a abundância e a simplicidade do interior é parte de cada lugar e tem a força de se multiplicar no tempo (Machado, 1999, p.178).

Além disso, a ideia de tradição parece estar intrinsecamente ligada ao prazer e à diversão experimentados durante a cavalgada. Os entrevistados sugeriram que a adesão aos rituais tradicionais não somente enriquece a experiência do evento, mas também acrescenta uma camada de significado, ou melhor pontuando, de representação do passado à Cavalgada, transformando-a em algo mais do que um simples entretenimento, com valores e normas embutidas.

Na construção das representações, o ato de cavalgar emerge como símbolo que encapsula o elo entre o homem e o cavalo. Ademais, ao considerar a participação de um público heterogêneo na construção do evento, caracterizado pela interação entre o urbano e o rural, notamos uma contextualização que pode ser compreendida como a reconfiguração e ressignificação das práticas simbólicas do meio rural. Assim, o ato de cavalgar não é apenas uma prática, mas um evento que se desdobra em significados enraizados nas tradições culturais e religiosas, da relação profunda entre o ser humano e o cavalo, que evoca o elo de um passado, cuja conexão era mais estreita.

Cabe ressaltar que, em torno do evento, percebemos a participação de dois públicos, os cidadãos do ambiente rural e da cidade, de diferentes esferas sociais e econômicas. Desse modo, o envolvimento desses sujeitos no ato de cavalgar proporciona a ressignificação e o fortalecimento dessa prática no cenário atual, tanto no meio rural quanto na cidade.

Nesse contexto, esse evento não se limita a ser uma celebração cultural e tradicional, mas é caracterizado como um fenômeno social e econômico fortemente praticado no interior do norte de Minas Gerais. Portanto, observamos através das narrativas que as cavalgadas transcendem a natureza recreativa para se tornar uma prática enriquecida de significados, evocando, assim, um contexto de tradições com

valores essenciais, tanto como uma prática dos antepassados quanto um instrumento importante no imaginário social dos sujeitos.

Considerações Finais

O evento crescia a cada edição, assumindo proporções maiores, mostrando-se como uma manifestação de lazer rural de considerável expressividade, ao garantir uma ocupação fixa na agenda cultural regional. Por ser uma atividade com características que representam um recinto de tradição popular, inter-relaciona classes e cidadãos, além de transmitir grande valor simbólico aos cavaleiros, às amazonas e aos demais participantes desse evento. Nesse evento, o cavalo e o humano tornam-se uma composição que remete a um discurso e a práticas simbólicas para representar um passado vivido, inter-relacionado em um momento de lazer.

Dessa forma, notamos que a cavalgada pretende resgatar uma representação de um passado compartilhado, quando a cultura rural era precursora, o discurso se torna uma narrativa comum sobre as origens. O evento evoca, assim, um profundo sentimento de pertencimento aos seus participantes.

No entanto, percebemos que, apesar de invocar um cenário de ruralidade anterior à industrialização e ao êxodo rural, como evidenciado pelo uso de propagandas e patrocinadores, esse fato demonstra que o discurso e a representação no evento são influenciados pelos interesses comerciais.

Por fim, identificamos uma dualidade entre a representação do passado e a introdução de códigos que simbolizam a modernidade. Com isso, entendemos que a cavalgada é a cristalização de um projeto que tem por finalidade ser comercializável, adaptando-se à presença massiva de publicidade. Isso demonstra que tal prática cultural foi modelada para a comercialização em um momento de lazer, em que as

representações são constituídas para o lucro, transformando o espaço livre em mais uma fonte de lucro para o capital.

REFERÊNCIAS

ADELMAN, Miriam. As mulheres no mundo equestre: forjando corporalidades e subjetividades' diferentes'. **Revista Estudos Feministas**, v. 19, 2011, p. 931-954. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/vyV6B76psCZX7KhCszzDDWD/>. Acesso em: 13 fev. 2024.

ADELMAN, Miriam. Equestrian culture and heritage in Brazil: untapped potential for a tourism that favours local development? São Luiz do Purunã as a case study. **Mondes Du Tourisme**, v. 18, p. 1-20, 2021. Disponível: <https://journals.openedition.org/tourisme/3161>. Acesso em: 13 fev. 2024.

ALMEIDA, Alexandre D.'Avila de. Totemismo neo rural na sociedade pós-moderna. **Anais do Seminário de Ciências Sociais**, v. 4, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/scs/article/view/28715/20438>. Acesso em: 5 jul. 2022.

ALMEIDA, F. C. de. O historiador e as fontes digitais: uma visão acerca da internet como fonte primária para pesquisas históricas. **Aedos**, Porto Alegre, v. 3, n. 8, p. 9-30, jun. 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/aedos/article/view/16776>. Acesso em: 13 fev. 2024.

AMADO, Janaína. Região, Sertão e Nação. **Revista Estudos Históricos**, v. 8, n. 15, p. 145-152, 1995. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/1990>. Acesso em: 13 fev. 2024.

BACELLAR, C. de A. P. Uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, C. B. (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

BAREFOOT, Danielle B. Digital Resources: Chilean History. **Oxford Research Encyclopedia of Latin American History**. 2018. Disponível em: <https://oxfordre.com/latinamericanhistory/display/10.1093/acrefore/9780199366439.001.0001/acrefore-9780199366439>. Acesso em: 19 out. 2021.

BERNARDES, Carmo. O gado e as larguezas dos Gerais. **Estudos avançados**, v. 9, p. 33-58, 1995. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8846>. Acesso em: 13 fev. 2024.

BRASIL, Eric; NASCIMENTO. Leonardo Fernandes. História digital: reflexões a partir da Hemeroteca Digital Brasileira e do uso de CAQDAS na reelaboração da pesquisa histórica. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 33, n. 69, p. 196-219, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eh/a/XNJJWhFFzPKdkhF6cyj5BJv/>. Acesso em: 13 fev. 2024.

BURKE, P. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CARVALHO, K. D. NUNES, R. D. Lazer no meio rural e turismo de experiência na perspectiva da comunidade de São Bernardo, Maranhão. **Ateliê do Turismo**, v. 5, n. 2, p. 147-162, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/adturismo/article/view/12818>. Acesso em: 13 fev. 2024.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Viajando o Sertão**. Rio Grande do Norte: Gráfica Manimbu, 1975.

CAVALGADA de Samambaia confirma tradição rural. **Jornal O Norte**. 24 de abr. 2015. Disponível em: <https://onorte.net/montes-claros/cavalgada-de-samambaia-confirma-tradi%C3%A7%C3%A3o-rural-1.489184>. Acesso em: 24 de ago. 2020.

CERCA de 500 cavaleiros participam da tradicional cavalgada de Samambaia. **Globo Play**. 19 de abr. 2014. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/3293026/> Acesso em: 06 jul. 2022.

CHARTIER, Roger. Introdução. Por uma sociologia histórica das práticas culturais. *In*: **A História Cultural**. Entre práticas e representações. 2. ed. Lisboa: Difel, 2002. p. 13-28.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos avançados**, v. 11, n. 5, p. 173-191, 1991. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8601>. Acesso em: 13 fev. 2024.

COLFERAI, Sandro Adalberto. Entre cavalos, colheitadeiras e abadás: a cavalgada como celebração da colonização agrícola da Amazônia. **Revista Eletrônica Mutações**, v. 4, n. 7, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/relem/article/view/558>. Acesso em: 5 jul. 2022.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves; FERREIRA, Marieta de Mores. História do tempo presente e ensino de História. **Revista História Hoje**, v. 2, n. 4, p. 19-34, 2013. Disponível em: <https://rhhj.emnuvens.com.br/RHHJ/article/view/90>. Acesso em: 13 fev. 2024.

DUMAZEDIER, J. **Sociologia Empírica do Lazer**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva SESC, 1999.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A Busca da Excitação no Lazer**. Portugal, Lisboa: DIFEL, 1992.

FICKERS, Andreas. Towards a new digital historicism? Doing History in the age of abundance. **View Journal Of European Television History and Culture**, v. 1, n. 1, 2012. Disponível em: <https://viewjournal.eu/articles/10.18146/2213-0969.2012.jethc004>. Acesso em: 28 jun. 2022.

FRANÇA, I. S.; SOARES, B. R. O sertão norte-mineiro e suas transformações recentes. *In*: ENCONTRO DE GRUPOS DE PESQUISA, 2, 2006, Uberlândia. **Anais...** Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia, 2006, p. 1-15.

FRIGO, D. O legado digital na pesquisa histórica: reflexões sobre fontes digitais. **Revista Aedos**, v. 13, n. 30, p. 42–53, 2022. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/aedos/article/view/104253>. Acesso em: 28 jun. 2022.

FROEHLICH, J. M. A (re)construção de identidades e tradições: o rural como tema e cenário. In: FROEHLICH, J. M.; DIESEL, V. (Orgs). **Espaço rural e desenvolvimento regional**. Ijuí: EDUNIJUÍ, 2004.

GOMES, Christianne Luce. O Processo Civilizador e a Busca da Excitação no Lazer: Notas Sociológicas. **LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 26, n. 4, p. 327-351, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/49566>. Acesso em: 13 fev. 2024.

GOMES, F. S. **Discursos Contemporâneos Sobre Montes Claros: (Re) Estruturação Urbana E Novas Articulações Urbano-Regionais**. 2007. 182 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo.) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: lamparina, 2014.

LUCA, Tania Regina de. “História dos, nos e por meio dos periódicos”. In: PINSKY, Carla. Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2015.

MACHADO, Paulo César. **O fetiche do campo: um estudo sobre os mitos rurais**

brasileiros. 1. ed. São Paulo: Hucitec, 1999. MARCELLINO, N. C. **Estudos do lazer: uma introdução**. Campinas, SP: Editora Autores Associados, 1996.

MARTINS, José Clerton de Oliveira; OLIVEIRA, Iranilson Buriti de; CHAGAS, Liliana Leite. Homens arando novas formas de ser e viver: bordando um outro sertão. **Revista de História Regional**, v. 12, n. 1, 2007. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/rhr/article/view/2237>. Acesso em: 01 fev. 2024.

MAZIERO, C. GODOY, C.M.; CAMPOS, J.R.; MELLO, N. A. O lazer como fator de permanência e reprodução social no meio rural: estudo do município de Saudade do Iguaçu, PR. **Interações (Campo Grande)**, v. 20, n. 2, p. 509–522, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/inter/a/8rJVkcZb8wNHGgyPY3hMD5d/>. Acesso em: 13 fev. 2024.

MELO, V. A. de. O rural civilizado: a experiência do hipismo no Jacarepagrá Tênis Clube (Rio de Janeiro; 1940-1957). **Materiales para la Historia del Deporte**, n. 21, p. 2-16, 2021. Disponível em: http://polired.upm.es/index.php/materiales_historia_deporte/article/view/4593/4824. Acesso em: 17 out. 2021.

MEUS BICHOS_DAN CARIOCA_AGRO. **Cavalgada Samambaia 2019_Rural Parque**. Youtube, 1 de ago. de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PFUz52ntStw>. Acesso em: 24 ago. 2020.

NAPOLITANO, M. A história depois do papel. *In*: PINSKY, C. B. (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

NORONHA, Inês de Oliveira; ENÉAS, Paulo Eduardo de Oliveira. Bens De Natureza Material e Imaterial em Área De Mineração – Barão De Cocais, Minas Gerais. **Sustentare**, v. 2, p. 73-82, 2018. Disponível em: <http://periodicos.unincor.br/index.php/sustentare/article/view/4906>. Acesso em: 13 fev. 2024.

PEREIRA, E. L. **Configurações sóciohistóricas da equitação no Rio Grande do Sul** : uma investigação das redes de interdependência nas práticas esportivas equestres. Orientador: Janice Zarpellon Mazo. 2016. 254 f. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/148775>. Acesso em: 17 out. 2021.

PEREIRA, E. L.. **As práticas equestres em Porto Alegre**: percorrendo o processo da esportivização. 2012. 156 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

PEREIRA, E. L.; MAZO, J.; BATAGLION, G.A. Equitação no Rio Grande do Sul: um estudo sobre a configuração da vertente rural. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 27, p. 155-175, 2019. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/view/9137>. Acesso em: 17 out. 2021.

PESAVENTO, S. **História & História Cultural**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PIMENTEL, Alessandra. O método da análise documental: seu uso numa pesquisa historiográfica. **Cadernos de pesquisa**, p. 179-19, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742001000300008>. Acesso em: 17 out. 2021.

PRADO, Giliard da Silva. Por uma história digital: o ofício de historiador na era da internet. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 13, n. 34, 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5965/2175180313342021e0201>. Acesso em: 28 jun. 2022.

QUEIROZ, Leo. Cavalgada une gerações. **Jornal O Norte**. 20 de abr. 2018. Disponível em: <http://cms.hojeemdia.com.br/preview/www/2.917/2.924/1.615431>. Acesso em: 24 ago. 2020.

ROESSLER, Martha; RINK, Bjarke. Esportes hípicas. *In*: DACOSTA, Lamartine (org.). **Atlas do esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: CONFEF, 2006.

RONDA GERAES. **“Caminhos da Roça” na Cavalgada de Samambaia**. 2017 (15m34s) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DwJ5gZ0vb7k>. Acesso em: 24 ago. 2020.

ROQUE, Andreia Maria. O Reconhecimento das Atividades Turísticas no Espaço Rural de Minas Gerais. **Turismo Rural e Desenvolvimento Sustentável**, v. II, p. 26-31, 2000. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/mercados/sumarios/anais2.pdf#page=26>. Acesso em: 13 fev. 2024

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão**: veredas. Editora Nova Fronteira, 2015.

SANTOS, Daniele Luciano; VARGAS, Maria Augusta Mundim. (Re) invenções de tradições: apropriações políticas e econômicas nas cavalgadas, vaquejadas, pegas de boi e cavalhadas de Sergipe. **Revista Cerrados**, v. 20, n. 1, p. 255-278, 2022. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/cerrados/article/view/4890>. Acesso em: 5 jul. 2022.

SANTOS, Gilmar Ribeiro dos; SOUTO, Karine Gomes dos Santos. O Desenvolvimento no Norte de Minas na Perspectiva da SUDENE. **Revista Desenvolvimento Social**, v. 12, n. 2, p. 69-78, 2014. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/rds/article/view/1970>. Acesso em: 30 jan. 2024.

TRUOCCHID, Aline Santana; PEREIRA, Valnei. Identidades urbanas em mutação nos caminhos do Bom Jesus: uma análise das interações culturais na Festa do Jubileu do Senhor Bom Jesus do Matosinhos em Conceição do Mato Dentro. **Caderno de Geografia**, v. 15, n. 25, p. 73-82, 2005. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3332/333260065008.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2024.

VIEIRA, Marcia. **Cavalgada confirma tradição rural. Prefeitura de Montes Claros**. 24 de abr. 2015. Disponível em: http://www.montesclaros.mg.gov.br/agencia_noticias/2015/abr15/not_24_04_15_3666.php. Acesso em: 24 de ago. 2020.

WEW VIDEO PRODUÇÕES. **Cavalgada Samambaia 2016 - 10 Anos**. YouTube, 10 de maio de 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dAS2K4rIYmw>. Acesso em: 24 ago. 2020.

Endereço dos(as) Autores(as):

Guilherme Carvalho Vieira
Endereço eletrônico: guilherme.carvalho.unimontes@gmail.com

Lucas Matheus Araujo Bicalho
Endereço eletrônico: bicalholucas7@gmail.com

Stefany Reis Marquioli
Endereço eletrônico: stefanymarquioli@gmail.com

Ester Liberato Pereira
Endereço eletrônico: ester.pereira@unimontes.br